

Revista de Educação

ORGAM DO DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO PÚBLICA
DO ESTADO DA BAHIA

SUMARIO

- | | |
|---------------------------------|---|
| <i>Redação</i> | — Cooperação indispensavel |
| <i>Dr. Getulio Vargas</i> | — Um discurso notavel sobre educação. |
| <i>Capitão Jurcey Magalhães</i> | — Educação Nova. |
| <i>Tomaz Delfino</i> | — Educação Cívica. |
| <i>Prof. Alipio França</i> | — Jardim de Infancia. |
| <i>Olivio Montenegro</i> | — A criança e a escola. |
| <i>Prof. C. S. Teixeira</i> | — Dois aspéto da Reorganisação do ensino no Distrito Federal. |
| <i>Lygia de Carvalho Lemos</i> | — De Educação. |
| <i>Zilda Santos</i> | — Uma festa infantil no Campo do "Fluminense". |

EXPEDIENTE

Assinatura

Ano	10\$000
Semestre	6\$000
Numero avulso	2\$000

A assinatura para o professorado e funcionarios do Departamento de Instrução: será paga em folha de pagamento, descontando o Tesouro ou a Coletoria, a importancia de um mil réis (1\$000) durante dez meses.

—:—:—

Toda correspondencia deve ser dirigida para o Departamento de Instrução Publica — Palacio Rio Branco — Bahia.

Revista de Educação

ORGAM DO DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO PÚBLICA
DO ESTADO DA BAHIA

VOLUME I
Novembro — Dezembro

1933

BAHIA
IMPrensa OFICIAL DO ESTADO
Praça Municipal
1934

COOPERAÇÃO INDISPENSÁVEL

A REVISTA DE EDUCAÇÃO aparece no seu segundo numero animada pela acolhida dispensada pelo professorado bahiano, sempre capaz e demonstrando orientação moral e pedagogica, conscio dos seus deveres na formação da nacionalidade brasileira.

O escôpo principal, que sempre tivemos em mira, é tornar mais facil ao professor bahiano um meio de aumentar a sua cultura e incentivar o seu pendor pela renovação da pedagogia escolar, de que realmente está carecendo a Bahia.

O Governo não se tem descuidado do problema educacional que reconhecemos deve ser atacado de frente, tão imperiosas são as nossas necessidades de progresso escolar, de renovação didactica, mas as deficiencias financeiras em que a Revolução encontrou o Estado e que ainda hoje perduram, efeitos de uma causa que atuou durante quarenta anos, não permitem que, de uma vez possamos melhorar o ensino, acompanhando assim os demais Estados vanguardeiros da educação moderna.

No entanto não será por falta de esforços nossos que o ensino ficará sem brilho e sem a renovação preconizada, porque esta revista mesma, que não apareceu em outras ocasiões, embora pensada e tentada então a sua feitura, é uma atestado de que não queremos ficar inativos e desejamos que o professorado bahiano tenha um campo de colaboração com o Governo, fóra das suas actividades comuns, para ambos melhor servirem á sociedade.

Para o alcance deste desideratum é necessario que o professorado com as suas luzes, com o seu amor ao trabalho, e congregado em derredor do grande idéal, dê ao poder director do ensino todo apôio e todo prestígio profissional.

Anime o professorado com a sua colôaboração eficiente as paginas desta revista que é sua, que somente surgiu no mundo da publicidade por causa do ensino e para que a renovação escolar se faça mais urgente e mais completa.

UM DISCURSO NOTAVEL SOBRE EDUCAÇÃO

O discurso que damos abaixo á leitura principalmente dos que lidam com a educação da mocidade e com os problemas a ela conexos, foi pronunciado pelo chefe do governo provisório, Dr. Getúlio Vargas, nesta cidade do Salvador, em memorável banquete que as Classes Conservadoras lhe ofereceram por ocasião de sua visita a este Estado, em Agosto do ano proximo passado.

Por ser uma peça pedagogicamente bem elaborada e dentro dos principios dominantes da moderna educação, para ela chamamos a atenção do professorado e pedimos que meditem sobre os pontos doutrinarios expostos:

“Vitando a Bahia, sinto a comoção de abeirar-me, pela primeira vez, do berço da nacionalidade.

Antes de conhecê-la, a historia fizera-me compreender o seu passado glorioso na formação da Patria: Aqui, santificando a terra virgem do Brasil, erigiu-se a primeira Cruz, simbolo sagrado, unindo o Novo Mundo que surgia á civilização cristã renascente; daqui, partiam os exploradores do Reconcavo; aqui, fixaram-se os primeiros descobridores, tirando da terra dádiosa o seu sustento e perpetuando-se na sua descendencia; aqui, constituiu-se o nucleo inicial de resistencia para a manutenção e posse das terras descobertas; enfim, aqui foram lançados os alicerces da Nação que hoje somos e da grande Patria que devems ser.

No processo da nossa evolução politica, a Bahia jamais desmereceu da honra que lhe adveio de antiga metropole do Brasil. A sua vóz alteou-se sempre para prestigiar as grandes causas que empolgaram o país, no imperio e na Republica.

Ao avistar por sobre a curva da enseada, cuja moldura verdadejante se alonga pela serrania, a cidade do Salvador, lembra a evocação filial de Runy Barbosa, “vendo pendurar-se do céu e estremecer para mim o ninho onde cantou Castro Al-

ves, verde ninho murmuroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros..." Completando a visão, associava no mesmo culto admirativo esses dois grandes nomes da Bahia-mãe — um, o maior genio verbal da nossa raça; outro, poeta e precursor das reivindicações sociais da nacionalidade.

Mas, a Bahia não evoca sómente estas glórias: evoca também as primeiras lutas do homem para dominar a terra selvagem do Brasil, transformando esse esforço em riqueza, que chegou a erguer a capitania nascente, durante muito tempo, á categoria de maior emporio comercial da America do Sul.

A exploração da terra instituiu, aqui, o padrão incipiente do nosso regimen de trabalho. O falso fundamento que se lhe deu, apoiado no braço escravo, ao tempo, talvez inevitavel, não deixou de concorrer para a prosperidade do Brasil colonial. Prolongado, porém, através do Brasil Imperio, converteu-se em erro grave e imperdoavel.

O fáto da escravidão perpetuar-se no Brasil até 1888 constitue lamentavel imprevidencia da politica e dos homens do segundo reinado. Quando todos os povos sul-americanos, vivendo em ambiente menos calmo, alicerçavam o progresso nacional na aptidão e no trabalho dos seus concidadãos, o Brasil mantinha o braço escravo, como alavanca propulsora do seu desenvolvimento economico.

A continuidade na conservação do trabalho servil, levado teimosamente quasi ás portas da Republica, entrou a solução de um dos problemas capitais da nossa vida economica. Feita a abolição, o novo regimen encontrou o trabalho desorganizado e, tão profunda foi a repercussão desse fáto, que, até hoje, só de fórma parcial temos conseguido atenuar-lhe os efeitos nocivos.

A propaganda abolicionista, que constituiu, no Brasil, admiravel movimento de patriotismo, ao serviço de nobre ideal, restringiu-se, exclusivamente, á libertação dos cativos, sem cogitar do grave problema da substituição, pela atividade livre, do trabalho escravo, sobre o qual repousava a nossa economia. Muitas regiões do país, outróra opulentas, ainda hoje sentem, decadentes, as consequencias nefastas dessa desarticulação brusca.

Ao Sul do país, a imigração, em grande parte, renovou, revigorando, a prosperidade antiga; mas, o Norte continúa a sofrer dos perturbadores efeitos de tamanha imprevidencia.

Zonas florescentes, desbravadas pelo esforço do negro submisso, transformaram-se em caatingas, onde populações rurais empobrecidas, ao léo das inconstancias do clima e á mingua de recursos, vegetam desenraizada,s por vezes quasi nomades, vivendo dia por dia, jungidas á voracidade dos novos senhores que lhes exploram o trabalho rude, como se fossem compostas de retardatarios servos da gleba.

Agravando semelhante desorganização, verificou-se o exodo dos habitantes do interior, atraídos pelas ilusoiras facilidades de trabalho abundante e bem recompensado, para os centros urbanos da vida intensa. O proletariado das cidades aumentou desproporcionadamente, originando o pauperismo e todos os males decorrentes do excesso de atividades sem ocupações fixas.

Isso, quanto aos individuos pertencentes ás classes pobres. Entre os das mais favorecidas, a miragem das cidades atuou tambem, fortemente, embora sob outro prisma. Seduzia-os a aristocracia do diploma ou as vantagens aparentes do emprego publico, quando não, a vida faustosa dos grandes centros sociais, onde a ilusão dos prazeres faceis os arrastava á ociosidade dissipadora.

O panorama bosquejado, ainda agora, mantem-se, nas suas linhas gerais e, em certos aspectos, talvez ampliadamente. Cumpre-nos incentivar, por todas as fórmãs, a volta ao bom caminho. Os atalhos que nos podem levar a êle são muitos, mas, o rumo, um só: o retorno aos campos.

Encontrados os meios capazes de provocar esse retorno, estará resolvido um dos maiores problemas da atualidade brasileira.

O homem sente-se preso á terra quando ela corresponde generosamente ao seu esforço. Para que tal aconteça, torna-se necessario saber aproveitá-la, escolhendo-a onde seja fértil á semente e saudavel á vida.

A consecução desse objetivo exige, como soluções primarias, educar as populações rurais e, ao mesmo tempo, valorizar economicamente o interior, povoando-o e saneando-o.

Balanceando os termos da equação enunciada — educar e povoar — sintese em que se contém o segredo da nossa prosperidade, comecemos por examinar, inicialmente entre êles, o que diz respeito ao aproveitamento da terra.

Povoar não é sómente acumular elementos humanos em de-

terminada região. Sem prévia verificação das condições do meio físico, sob o triplice aspéto de terra fértil salubre e de fácil acessibilidade aos escoadouros normais da produção; sem assistência social e auxílios técnicos, não é possível fixar, com segurança de êxito, populações que apenas dispõem, para progredir, de esforço próprio e do trabalho rudimentar.

Possuimos extensas faixas territoriais uberrimas e saudáveis, próximas a centros urbanos florescentes, quasi completamente incultas e despovoadas. Nelas devemos, de preferéncia, localizar o trabalhador rural, que aqui e ali vegeia, desarticulado da gleba e sem tétro próprio, antes de nos preocuparmos com o saneamento de zonas inhospitas, só utilizáveis mediante obras de custo vultoso e vigilância sanitária continuada, quando pequena parte desse dispendio bastaria para aparelhar, em condições prosperas, numerosos núcleos coloniais, situados em lugares de fácil e produtiva adaptação.

Não significa isso desconhecimento da necessidade imperiosa de sanear as regiões densamente povoadas, sujeitas á devastação de endemias que depauperam os seus habitantes, diminuindo-lhes a capacidade de trabalho e aniquilando-lhes a descendéncia, através de gerações sucessivas.

Para atender ao saneamento rural, o Governo tem fornecido aos Estados apreciáveis, recursos pecuniários. Trata-se, porém, de esforços parcelados, em benefício determinados núcleos de população. O problema exige, entretanto, providéncias mais energicas e generalizadas. Precisamos pôr em execução um plano completo de saneamento rural e urbano, capaz de revigorar a raça e melhorá-la como capital humano, aplicável ao aproveitamento inteligente das nossas excepcionais condições de riqueza. Visando obter, para isso, os necessários recursos, já foi baixado um decreto, criando o selo sanitário, sugestão do ilustre Dr. Belisario Pena, utilizada para assegurar a realização progressiva de uma das iniciativas mais uteis que o Brasil exige dos seus governantes.

E' verdadeiramente contristador, em um país de imigração como o nosso, observar-se o espetáculo doloroso de vastos conglomerados humanos, entorpecidos pela malária, corroídos pela sífilis ou a lepra, remissos a qualquer atividade produtiva e con-

denados a inevitável decadência, á mingua de socorros dos poderes públicos.

Para assegurar o aproveitamento económico da terra povoar e sanear não é tudo. Faz-se mister também prender o homem ao sólo, o que sómente se consegue, transmittindo-lhe o direito de domínio. Quem labora e cultiva a terra, néla deposita a sementeira e alicerça a casa — abrigo da família — deve possi-la como proprietário. Facilitada a aquisição por baixo preço e parceladamente, o povoador poderá satisfazê-lo com o produto do proprio trabalho. Outro beneficio, daí, ainda adviria. Aos poucos, veriamos desaparecer os tractos incultos e latifundarios, substituidos pela pequena propriedade, de vantagens sobejamente conhecidas, como fatôr poderoso de fartura e enriquecimento.

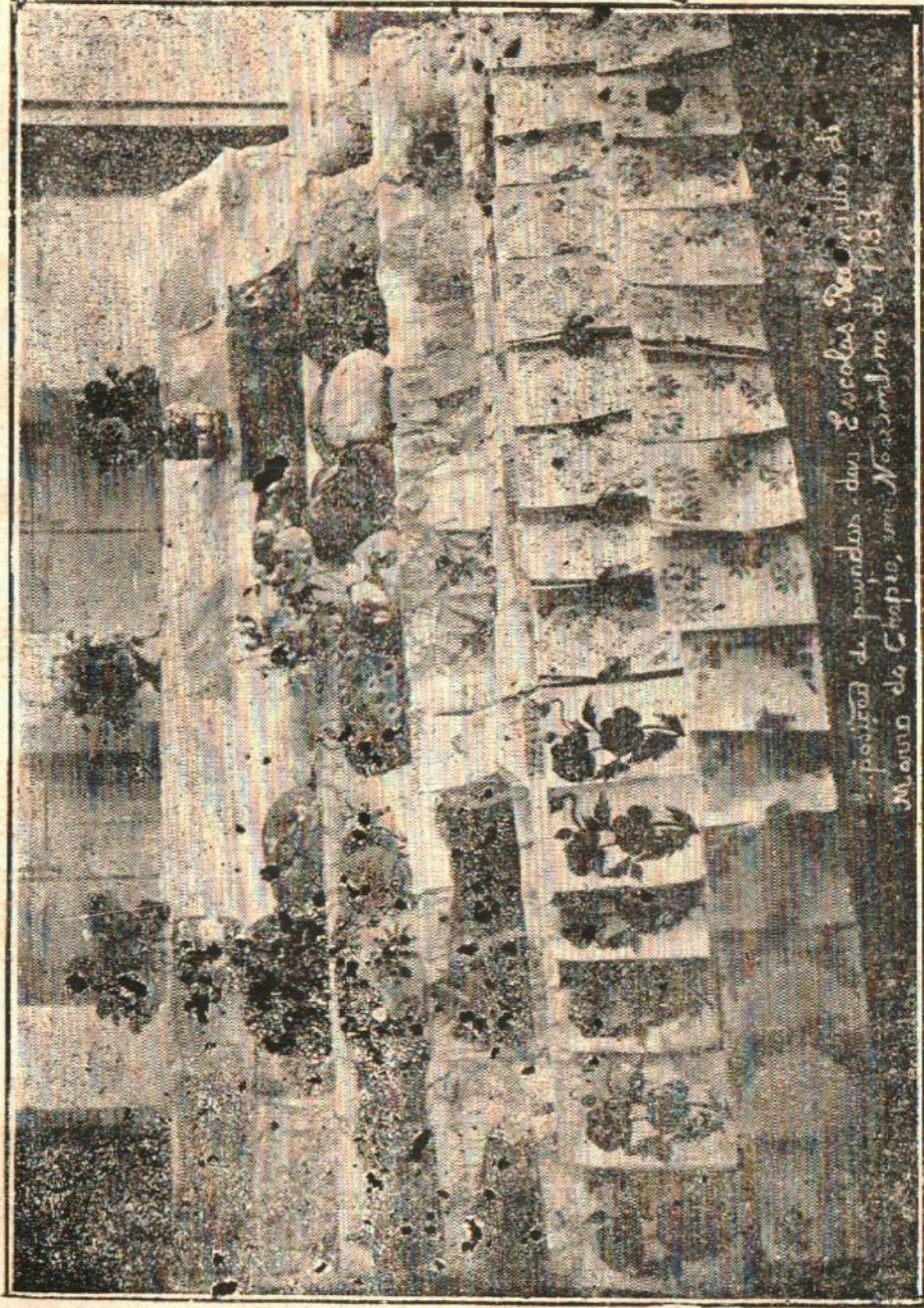
O aspecto mais relevante do problema fundamental do Brasil não está, porém, comprehendido nas considerações que venho de expender.

Todas as grandes nações, assim merecidamente consideradas, atingiram nivel superior de progresso, pela educação do povo. Refiro-me á educação, no significado amplo e social do vocabulo: fiscal e moral, eugenica e civica, industrial e agricola, tendo por base, a instrução primaria de letras e a tecnica e profissional.

Nesse sentido, até agora, nada temos feito de organico e definitivo. Existem iniciativas parciais em alguns Estados, embora incompletas e sem sistematização. Quanto ao mais, permanecemos no dominio ideologico das campanhas pró-alfabetização, de resultados falhos, pois o simples conhecimento do alfabeto não destróe a ignorancia nem conforma o carater.

Ha profunda diferença entre ensinar a lêr e educar. A leitura é ponto inicial da instrução e essa, propriamente, só é completa quando se refere á intelligencia e á atividade. O raciocinio, força maxima da intelligencia, deve ser aperfeiçoado, principalmente por sabermos que o trabalho manual tambem o exige, pronto e arguto. Não deixa de haver certo fundo de verdade na afirmação do psicologo: "O homem que conhece bem um officio, possui, só por esse fáto, mais logica, mais raciocinio e mais aptidão para refletir do que o mais perfeito dos retoricos".

A instrução que precisamos desenvolver, até o limite extremo das nossas possibilidades, é a profissional e tecnica. Sem ela.



Exposição de prendas das Escolas Reunidas de Morro do Chapéu, em Novembro de 1934

Exposição de prendas das Escolas Reunidas de Morro do Chapéu, em Novembro de 1934

sobretudo, na época caracterizada pelo predomínio da máquina, é impossível trabalho organizado.

A par da instrução, a educação: dar ao sertanejo, quasi abandonado a si mesmo, a consciencia dos seus direitos e deveres; fortalecer-lhe a alma, convencendo-o que existe solidariedade humana; enrijar-lhe o fisico pela hygiene e pelo trabalho, para premiá-lo, ao fim, com a alegria de viver, proveniente do conforto conquistado pelas proprias mãos.

No Brasil, o homem rude do sertão, sempre pronto a atender aos reclamos da Patria nos momentos de perigo, é materia prima excelente e, se vegeta decaído e atrazado, culpemos a nossa incuria e imprevidencia. Por vezes, o seu aspecto é miseravel, mas, no corpo combalido, aninha-se a alma forte que venceu a natureza amazonica e desbravou o Acre. Em algumas regiões, vemo-lo quebrantado pelas molestias tropicais, enfraquecido pela miseria, mal alimentado, indolente e sem iniciativa, como se fosse um automato. Dái a esse espectro farta alimentação e trabalho compensador; criai-lhe a capacidade de pensar, instruindo-o educando-o, e rivalizará com os melhores homens do mundo. Convençamo-nos de que todo brasileiro poderá ser um homem admiravel e um modelar cidadão. Para isso conseguirmos, ha um só meio, uma só terapeutica, uma só providencia: — é preciso que todos os brasileiros recebam educação.

Relembrai o exemplo do Japão. O Imperador Mutuzahito, certo dia, baixou um edito determinando "fosse o saber procurado no mundo onde quer que existisse, e a instrução difundida de tal fórma que em nenhuma aldeia restasse uma só familia ignorante e que os pais e irmãos mais velhos tivessem por entendido que lhes cabia o dever de ensinar os seus filhos e irmãos mais moços".

O Imperador foi obedecido. O milagre da instrução, em pouco mais de 40 anos, de 1877 a 1919, fez com que a exportação e a importação do país centuplicasse; o Japão vencia a Russia e entrava para o rol das grandes potencias.

E' dever do Governo Provisorio interessar toda a Nação, obrigando-a a cooperar nas multiplas esferas em que o seu poder se manifesta, para a solução desse problema.

Anda em moda afirmar-se que a educação é corolario da riqueza, quando o contrario expressa maior verdade. Exemplificam

com o caso dos Estados Unidos, onde a difusão do ensino consome orçamentos anuais que atingem cerca de 26 milhões de contos da nossa moeda, e concluem que, entre nós, a questão é insolúvel pelo vulto das despesas que exige, incompatível com a nossa carencia de recursos. Em resumo, sustentam: — educação completa só pode existir em nações opulentas. A argumentação é sofisticada. A nossa vitória nesse terreno, consistirá em começarmos como a grande nação americana começou, e continuarmos, resolutos e tenazes, como ela prosseguiu, até o fastigio de hoje.

A verdade é dura, mas deve ser dita. Nunca, no Brasil, a educação nacional foi encarada de frente, sistematizada, erigida, como deve ser, em legitimo caso de salvação publica.

E' oportuno observar. Aos Estados coube velar pela instrução primaria; quasi todos contraíram vultosos empréstimos, acima das suas possibilidades financeiras. Da avalanche de ouro com que muitos se abarroteram, abusando do credito, qual o numerario distraído para ampliar ou aperfeiçoar o ensino? Estanjavam-no em obras suntuarias, em organizações pomposas e, ás vezes, na manutenção de exercitos policiaes, esquecidos de que o mais rendoso emprego de capital é a instrução.

Sem a necessidade de vastos planos de soluções absolutas, porém impraticaveis na realidade, procuremos assentar em dispositivos efficientes e de applicação possivel todo o nosso aparelhamento educador.

A instrução, como a possuímos, é lacunosa. Falha no seu objetivo primordial: preparar o homem para a vida. Nela devia, portanto, preponderar o ensino que lhe desse o instinto da ação no meio social em que vive. Ressalta, evidentemente, que o nosso maior esforço tem de consistir em desenvolver a instrução primaria e profissional, pois, em materia de ensino superior e universitario, nos moldes existentes, possuimo-lo em excesso, quasi transformado em caça ao diploma. O doutorismo e o bacharelato instituíram uma especie de casta privilegiada, unica que se julga com direito ao exercicio das funções publicas, relegando para segundo plano a dos agricultores, industriaes e comerciantes, todos enfim, que vivem do trabalho e fazem viver o país.

E' obvio que para instruir é preciso criar escolas. Não as criar, porém, segundo modelo rigido, applicavel ao país inteiro. De acôrdo com as tendencias de cada região e o regimen de tra-

balho dos seus habitantes, devemos adotar os tipos de ensino que lhes convem: nos centros urbanos, populosos e industriais — tecnico-profissional, em forma de institutos especializados e liceus de artes e officios; no interior — rural e agricola, em forma de escolas, patronatos e internatos. Em tudo, com o caracter pratico e educativo, dotando cada cidadão de um officio que o habilite a ganhar, com independencia, a vida ou transformando-o em um produtor inteligente de riqueza, com habitos de higiene e de trabalho, consciente do seu valor moral.

Atingimos ao ponto onde os pessimistas habituaram-se a encontrar dificuldades de toda sorte. Refiro-me aos recursos indispensaveis para organizar e manter semelhante aparelho educativo, cujo desenvolvimento pode ser graduado de acôrdo com as possibilidades financeiras do país.

Nesse terreno, mais do que em qualquer outro, convem desenvolver o espirito de cooperação, congregando os esforços da União, dos Estados e dos Municipios. Quando todos, abstendo-se de gastos suntuarios e improdutivos, destinarem, elevada ao maximo, uma percentagem fixa de seus orçamentos para prover as despesas da instrução, teremos dado grande passo para a solução do problema fundamental da nacionalidade. Comprovando o interesse do Governo Provisorio, a respeito, é oportuno ressaltar que o decreto destinado a regular os poderes e atribuições dos Interventores determina que os Estados empreguem 10 %^o, no minimo, das respectivas rendas na instrução primaria e estabelece a faculdade de exigirem até 15 %^o das receitas municipais para applicação nos serviços de segurança, saúde e instrução publica, quando por eles exclusivamente atendidos.

Concertada a cooperação dos poderes publicos federais, estaduais e municipais, restaria apenas attribuir á União o direito de organizar e superintender, fiscalizando-os, todos os serviços de educação nacional.

A ação isolada dos governantes não basta para transmudar em realidade fecunda empreendimento de tal alcance e tamanha magnitude. E' preciso criar uma atmosfera propicia e acolhedora, permitindo a colaboração de todos os brasileiros nesta obra eminentemente nacional.

O Governo Federal pretende instalar a Universidade Tec-

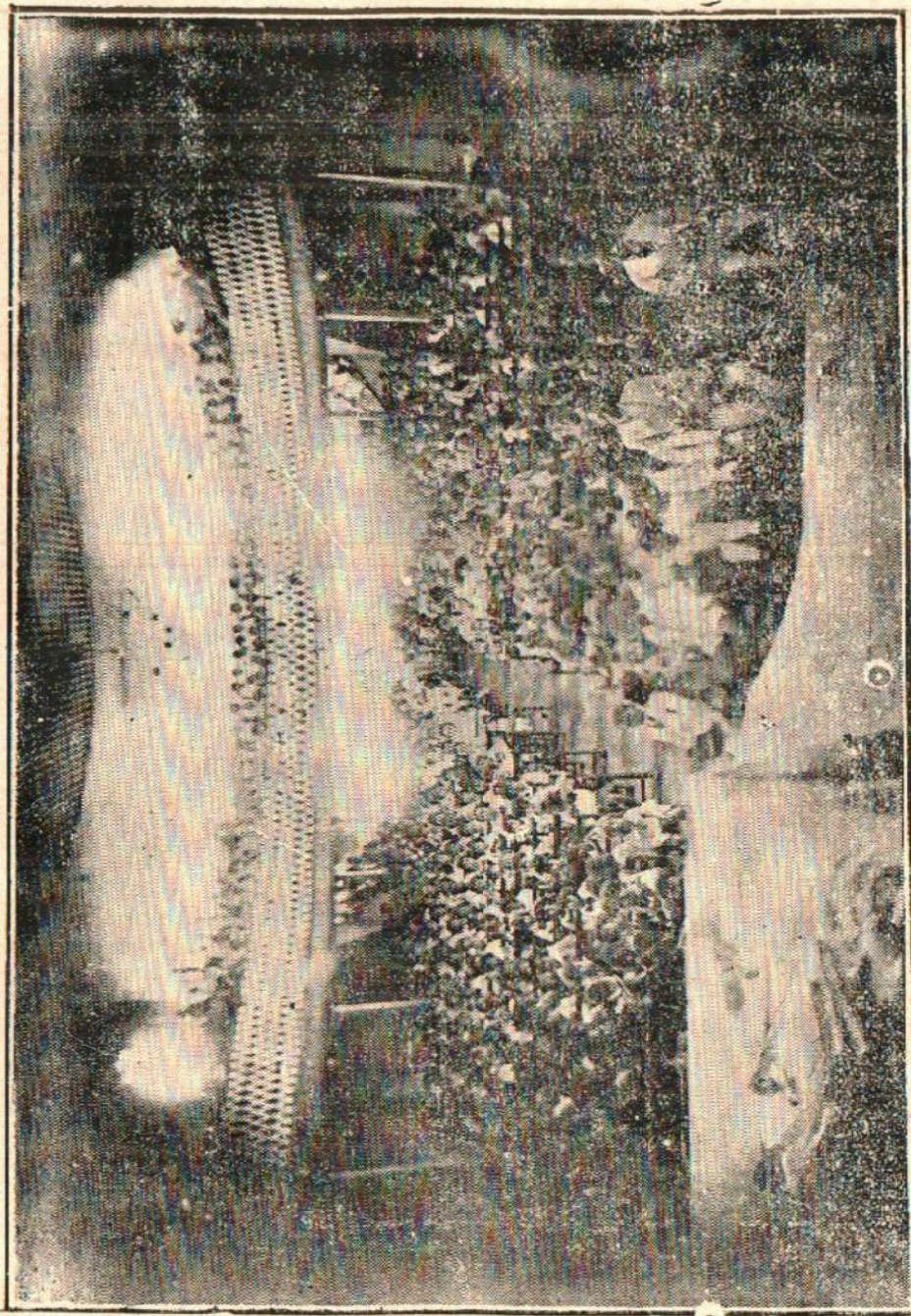
nica, verdadeira cidade e colmeia do saber humano, de onde sairão as gerações de professores e homens de trabalho, capazes de imprimir á vida nacional o sentido realizador das suas aspirações de expansão intelectual e material.

O joven Interventor da Bahia, pioneiro convicto do ideal revolucionario, pela sinceridade das suas atitudes democraticas e espirito de dedicação, já conquistou, merecidamente, o apreço e a confiança dos filhos desta nobre terra. Da capacidade mentora e das virtudes civicas de suas laboriosas populações, constituem provas concludentes a espontaneidade com que se integraram no movimento regenerador de 1930, o apoio que prestaram á ação construtora do seu atual Governo e a maneira modelar e pacifica como concorreram ao alistamento, para colaborarem, eficientemente, na reconstrução politica do país. Com a sua inteligente compreensão das questões administrativas, o Capitão Juracy Magalhães sabe perfeitamente que, a par das providencias primordiais concernentes á manutención da ordem, tais como a repressão ao cangaceirismo, que assola e sobressalta as laboriosas populações sertanejas, lhe incumbe melhorar a capacidade de trabalho e promover o bem-estar dos habitantes do territorio bahiano, povoando as zonas incultas, saneando as regiões insalubres e disseminando escolas por toda parte.

Tudo isso significa *educar* — palavra que nos deve servir de lema para uma patriótica e autentica cruzada.

Piso uma terra de brilhantes tradições no domínio do pensamento — força criadora e atributo divino do homem. Daqui, poderão surgir os mais eloquentes apóstolos dessa nova cruzada, que precisa encontrar em cada brasileiro um paladino devotado e intransigente. Por isso, escolhi a Bahia, berço de grandes homens pela cultura e inteligencia e terra de sólo uberrimo a todas as colheitas, para tratar de assunto que considero basilar ao nosso progresso futuro, por depender dele o enriquecimento do país e, portanto, a conquista da nossa independencia economica.

Educado o povo, o sertanejo rude feito cidadão consciente, valorizado o homem pela cultura e pelo trabalho inteligentemente produtivo, o Brasil, terra maravilhosa por sua beleza natural, transformar-se-á na grande Patria que os nossos maiores visionaram e as gerações futuras abençoarão”.



Aspecto da sessão cívico-literária, realizada no dia 15 de Novembro, no Teatro Rio Branco, na cidade de Nazaré, por ocasião do encerramento do curso

EDUCAÇÃO NOVA

A "REVISTA DE EDUCAÇÃO" não podia furtar-se á divulgação, por suas colunas, do discurso com que o Capitão Juracy M. Magalhães, digno interventor federal neste Estado, paraninhou a colação de grau dos professorandos de 1933, na escola normal de Feira.

Neste trabalho o joven patricio e revolucionario demonstra perfeito conhecedor da causa dos males que nos afligem e expende, com propriedade e fulgor de inteligencia, a verdadeira e actual teoria da educação.

Neste discurso ha um apêlo vibrante, e muito a proposito, diante da nossa situação de cultura e de interesse pela grande causa nacional: — *a educação do povo.*

Meus jovens patricios:

Quiz a vossa bondade, fino ornamento do vosso carater, que neste momento de plena alegria e sadio entusiasmo, eu me encontrei no vosso meio, compartilhando comvosco as mesmas alegrias e o mesmo entusiasmo sadio.

Fizestes-me vosso paraninfo. A longanimidade do vosso gésto, a benevolencia sem par da vossa attitude, a inexcedível gentileza de vossa deliberação, si por um lado trouxeram-me um grande contentamento por vêr-me alvo da vossa estima publica, em compensação, por outro lado deram-me o peso da imensa responsabilidade de falar-vos no momento em que deixais a suave doçura do convívio escolar, para ingressares no caminho aspero e ingrato da vida publica.

Esta paraninfia com que me honraes só encontra justificativa na grandeza de vossos corações.

Mas nem por ser injusta, deixa menos de sensibilisar-me. Ao revez, e talvez por isso mesmo, por sentir-me apoucado para objeto da vossa homenagem ainda maior seja meu reconhecimento.

Distintos professores:

Atentai bem para as obrigações que assumís ao collocardes no dêdo a granada simbólica, corporificação de um ideal acalentou-se insubsistente. Os tratados são rotos. A desorganização tado carinhosamente durante anos a fio, de trabalho e pertinacia.

Fixai o panorama do mundo atual. Observai dentro nesse quadro imenso, a situação de nosso imenso país. Considerai a vossa terra, a Bahia, grande e heroica, e meditai. Raciocinai sobre o que vos cumpre fazer, dentro na vossa profissão, para uma exata satisfação aos vossos deveres.

Eu vos acompanharei nesse raciocínio. O mundo moderno, atuado por fenomenos os mais complexos e variados, apresenta-se aos nossos olhos simbolo de uma insatisfação geral. Nenhum povo se sente feliz. Nenhuma nação se sente estavel em regimens. Subvertem-se instituições. A fé na palavra dos homens economica-financeira mais e mais se acentúa na louca terapeutica que se procura empregar: cada povo basta-se a si mesmo. O delirio armamentista empolga todas as nações. E' o reflexo de que todos estão temendo o dia de amanhã. Percebe-se o retorno á barbaria, depois de vinte seculos de civilização christã. Todas as conferencias em favor de um entendimento no ponto de vista economico fracassam sistematicamente. Em contraposição, a luta alfandegaria mais se acirra. São barreiras erguidas, cada vez mais fortes, contra o intercambio comercial entre os povos. As reuniões desarmamentistas dissolvem-se ante a descrença e até o motejo dos homens. Em consecuencia: novos planos belicosos, aumenta-se a potencia naval das nações. Em vez do desejado "si vis pacem para pacem" de Rui, continúa vigorando o classico "si vis pacem, para bellum". Tem-se a impressão de que se quer erigir "a guerra como a lei das leis, a justiça das justizas, a soberania das soberanias", no dizer do Mestre.

Como cupula dessa desorganização o que vemos? Exercitos de sem-trabalho atormentando a vida dos estadistas, milhões de homens desempregados, rotos e famintos, realizando as "paradas da fome", as "marchas da miseria", num atestado eloquente de transcendencia da crise social, desafiando em toda sua complexidade, a sabedoria dos verdadeiros responsaveis pelos destinos humanos. Para minorar essa situação cataclismica do mundo, em

seus efeitos internos, as nações mais civilizadas vão adotando remédios, os mais dispares.

E' que ninguém atina verdadeiramente com o caminho que seguirá o mundo. Atentai para a França e a Inglaterra, procurando vencer as suas dificuldades dentro, em seus regimens tradicionais de governo, muito embora naquela a queda sucessiva dos gabinetes reflita bem a angustia em que se debate. Vêde a Italia e a Alemanha, sob o fascismo, regimen que se creou para salvar essas velhas nações da anarquia; Portugal também com uma ditadura de carater nitidamente facista. Observai a Russia, sob a ditadura proletaria, servindo de cobaia para as experiencias socialistas do mundo atual, experiencias que também se realizam, de modo menos acentuado, na patria de Cervantes, onde ruiu o velho trono de Castela. Notai o que se passa na terra de Washington, onde o "deficit" orçamentario confessado de dois e meio bilhões de dolars, que é expressivo, como amostra de asoberbantes dificuldades economico-financeiras, levou o congresso americano a dar poderes discrecionarios ao presidente Roosevelt para enfrentar a crise. Nas demais nações. "mutatis mutandis" o panorama é o mesmo.

O Brasil não poderia escapar ás consequencias dessa situação geral. Mas, terra miraculosa, de possibilidades incomparaveis, derrubada a negregada situação politica que o aviltava, vai reagindo ao sopro vivificante de um ideal de renovação e de concordia. Nenhuma das formulas politicas adotadas pelas outras nações enquadra-se na realidade brasileira. Precisamos criar. O genio inventivo de nossa raça, tantas vezes posto á prova em outras esféras da atividade humana, precisa se manifestar no campo politico-social, criando uma fórmula de governo que atenda ás nossas necessidades, dando ao Brasil uma organização constitucional verdadeiramente brasileira. Este o arduo trabalho que pesa sobre os representantes da soberania popular, entre os quais se destacam os dignos mandatarios da opinião publica bahiana.

Meus jovens patricios.

E' num momento como este, em que a nação brasileira se reorganiza sob o influxo de uma mentalidade nova, que surgis para a vida publica.

Daí ser maior a soma de responsabilidades que assumis no exercicio de vossas profissões. Sois vós que ides preparar as fu-

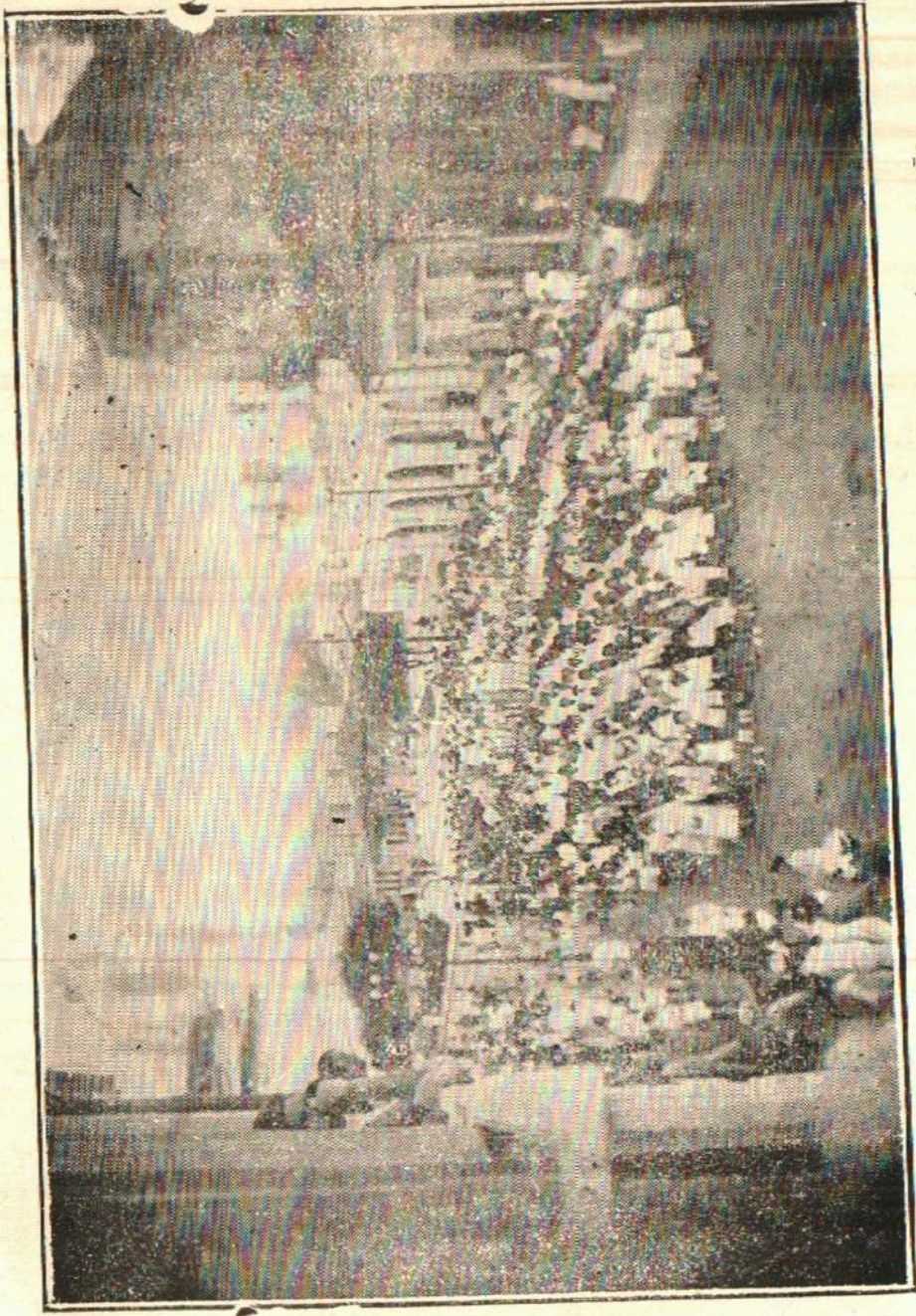
turas gerações baianas para a luta pela vida. Vistes o quadro do mundo atual. Precisamos organizar a nossa patria para os embates do futuro. E' mister preparar uma mentalidade capaz de todos os heroismos, de todos os sacrificios pela liberdade de nossa Patria.

A' Bahia, que fala por quatro seculos de civilização brasileira, a terra-mater da nacionalidade, onde pela primeira vez se ouviu o doce murmúrio de nossa lingua, que deu ao Brasil o primeiro dos nossos poetas, o primeiro dos brasileiros em todas as atividades humanas, á Bahia é que cabe neste momento liderar o grande movimento de renovação nacional. E é a escola, minhas jovens patricias, o centro por excelencia, o centro unico para movimentos de tal envergadura.

Lembra-vos que os deveres da escola atual estão sobremaneira acrescidos depois que a velha mentalidade da escola tradicional cedeu lugar aos ensinamentos da escola nova, que Anísio Teixeira, mais apropriadamente chama de "progressiva", termo que equivale, no campo social, a "evolução", no terreno biologico.

O trabalho do mestre, se tornou mais complexo depois que a escola teve que "educar em vés de instruir; formar homens livres em vez de homens doces; preparar para um futuro incerto e desconhecido em vez de transmitir um passado fixo, claro; ensinar a *viver* com mais inteligencia, com mais tolerancia, mais finamente, mais nobremente e com maior felicidade, em vez de simplesmente ensinar dois ou tres instrumentos de cultura e alguns manuaisinhos escolares"...

Tendo se tornado singularmente ativa a escola nova, o trabalho do mestre, "ipso facto", aumentou em obrigações de inteligencia e dedicacão. Com a evolução social do mundo muitas das obrigações que eram inherentes á familia e ao meio social se transferiram para a escola que é hoje um "lugar onde a creança vive plenamente e integralmente". Si assim é, o trabalho do mestre tem que suprir em grande parte o dos livros, que passou a ser mais de consulta. E' preciso dar personalisação á creança não a considerando com "automata". Mas é preciso fugir tambem do exagero da liberdade. Todos nós sentimos que a creança de nossos dias já não é tratada com o rigorismo do passado, onde o castigo fisico era a regra. E' preciso deixar que a creança manifeste tendencias preponderantes, mas é indispensavel canaliza-las.



*Passeiata promovida no dia 15 de Novembro de 1933, após a sessão
do encerramento do curso das escolas da cidade de Nazaré*

no sentido do bem coletivo. Não esquecendo nunca de que, como diz Rui: "os atos moraes são a pedra da funda de David no duelo com os gigantes da força", deveis dar á creança meios de pratica-los. E é no ensino da religião cristã, que encontrareis elementos para argamassardes a panoplia da fortaleza moral de nossa raça.

Meus jovens patricios:

O destino vos deu a ventura de nascer neste glorioso sertão bahiano, onde se tem "a sensação do infinito, a impregnação do eterno". Deve de haver qualquer coisa de sobrenatural, algo de divino, — guiando os passos desta terra, porque é realmente pasmoso o que se vê na Bahia. Emquanto as nações se debatem na angustia de tremendos desequilibrios orçamentarios, o nosso se mantem equilibrado; emquanto as emissões de titulos se succedem, nas maiores unidades da federação brasileira, como recurso supremo de receita extraordinaria, nós fugimos ás emissões; emquanto se porfia alhures por obter saldo na balança comercial, a nossa, no encerramento dos exercicios financeiros, acusa sempre saldos invejaveis.

Isso a despeito de ter vivido sempre com a sua economia abandonada e as suas finanças malbaratadas nos caprichos da politicuice sem entranhas.

A Bahia, jovens bahianos, está fadada a grandes destinos. Basta que ensineis ás suas futuras gerações que a intelligencia com que Deus tão prodigamente dotou a nossa gente não foi para ser dissipada nas tricas da politicagem, mas para ficar ao serviço de nosso progresso. Basta que vos não afasteis da descrição do classico significado das côres de nossa bandeira para ensinardes que o verde está em nosso pavilhão como um testemunho das nossas matas inegalaveis, mas precisam do trabalho do homem para fecunda-las; que o amarelo significa uma riqueza que jaz inaproveitada em nosso sub-solo pela inercia de nossos homens. . . Basta que ensineis aos nossos irmãos, que seus interesses pessoais e de facção não podem ser sobrepostos ao da coletividade. Basta que cultiveis vós mesmos as vossas intelligencias, no estabelecimento de uma solida cultura para que, bem convencidas, possais transmitir aos vossos discipulos que as unicas conquistas definitivas são as do saber. Basta que, apreendendo bem o nosso problema economico, mostreis á nossa mocidade que é do campo

fertilizado pelo suor de seu trabalho fecundo que surge a nossa riqueza exuberante, com o cacau, com o fumo, com o café, com o algodão, com o assucar... Basta que aprenda a nossa gente a povoar os nossos campos com rebanhos de raça aperfeiçoadas; que saiba tirar todas as vantagens dos progressos humanos com a perfeita utilização do trabalho mecânico. Enfim, que se dê ao sertanejo a noção verdadeira do perigo que existe da atração irresistível pelo urbanismo dos grandes centros. É preciso ensinar-lhes que o futuro está no campo, que o sertão é todo o corpo do organismo bahiano. O grande mal do Brasil tem sido os seus políticos não conhecerem os sertões, que "basta vê-los para os amar". A Bahia, ou antes os seus políticos bebiam a água, mas não cuidavam da fonte. Esqueciam-se de que abandonando o sertão, "estanca a matriz das águas, não tardará que também seque no rio a sua madre, e onde borbotava a caudal, encharquem os alagadiços, aflorem as corôas, e se estendam ao sol as restingas d'areia" como observou o mestre. Enquanto pregareis essas idéas um governo melhor orientado irá ampliando o nosso sistema de comunicações através a abertura de novas estradas de ferro e de rodagem, e o melhor aproveitamento de nossos rios, alargando as nossas ligações com o prolongamento dos fios telegraficos e a instalação de novas estações de radio; saneando os nossos sertões; difundindo grupos escolares; policiando; dando prestígio e autoridade á justiça autonoma; facilitando o credito agrícola; organisando melhor o trabalho com o incentivo á criação de cooperativas, quer sejam de credito, de consumo ou de produção; melhorando as condições sociais do nosso trabalhador rural e, finalmente, realizando uma politica de concordia e de co-operação entre todos os bahianos. Este o trabalho herculeo que á nossa geração cumpre realizar.

Meus jovens patricios:

Enfrentemo-lo com a coragem civica de nossa mocidade, — com a mocidade indomita de nosso civismo. Realizemo-lo, com uma firmeza spartana, com um stoicismo patriótico e, sobretudo, com uma fé inquebrantavel nos destinos de nossa Bahia, que ainda havemos de ver destacad ana Federação como a desejava Rui, e segundo a visão de Milton "uma nobre e poderosa terra, erguendo-se, á semilhança de um homem robusto, que despertou, e sacudindo as suas cadeias".

CAPITULO DE PEDAGOGIA PRIMARIA

EDUCAÇÃO CIVICA

1—Theorias da Patria. 2—As Patrias e a sociologia. 3—A Patria e a Humanidade. 4—A Patria não é o acaso. 5—Por que se ama a Patria. 6—A educação moral e a civica. 7—Como se ama a Patria. 8—Conhecer a Patria. 9—Servir a Patria. 10—Defender a Patria pelas armas. 11—Ensino especial de civismo. 12—Para ambos os sexos. 13—O exemplo do mestre. 14—Ensino afirmativo. 15 — Relativa facilidade do ensino. 16 — Preparo do mestre.

1 — Etymologicamente Patria quer dizer terra dos paes. Theoria simples das Patrias, de accôrdo com a etymologia, é suppor que no inicio grupos familiares movem-se e perduram dentro de areas com certa extensão; mas o numero dos membros dos grupos augmentam, os grupos entram em contacto com outros, e as necessidades materiaes se accentuam como as relações sociaes se desenvolvem e definem. Destarte as sociedades, com os seus multiplos e complexos órgãos e aparelhos, se vão desenhando.

Semelhante concepção, talvez verdadeira para algumas Patrias, não as póde abranger na generalidade.

Ha sociedades formadas pela conquista e pela immigração como vemos nos tempos modernos em todo o continente americano, na Australia, etc. Constituiram-se sem a regularidade de expansão de grupo e crescimento proporcional de interesses materiaes e moraes. A estrutura social — lingua, costumes, leis etc. — foi transportada e implantada de jacto pelos conquistadores e povoadores.

2 — A bem dizer, até onde se póde verificar com segurança, cada paiz tem o seu modo particular de formar-se e evoluir. Do estudo desses modos especiaes resultam as historias nacionaes, isoladas ou connexas no tempo e no espaço, e a reflexão sobre ellas pesquisa as leis geraes da vida commum dos homens na Terra — a sociologia.

3 — Partindo da familia ,molecula social, encontramos a Patria e passamos depois, mentalmente, ao conjunto dos homens, á humanidade.

Podemos imaginar que o progresso material e moral tornando-se cada vez mais pronunciado, os laços sociaes serão cada vez mais firmes e extensos e só venha a existir afinal uma Patria, não de logar limitado, mas de todo o planeta, e que o homem acabe cidadão da humanidade.

4 — Neste momento a Patria, parte integrante e órgão espontaneo e indispensavel da ligação entre a familia e a humanidade, é uma realidade physiologica e historica.

Dos genitores estabelecidos num ponto da Terra, herdamos a nossa disposição physica ,intellectual e moral. Delles adquirimos a lingua que falamos, os costumes que mantemos, os conhecimentos que possuímos, a religião que professamos, os trabalhos a que nos entregamos, os ideaes que nos impulsionam.

Do solo e do meio, que os envolveu e nos envolve, soffremos a influencia poderosa e constante sobre o nosso organismo e nossas vidas.

O paiz se modifica e se adapta em frente aos outros paizes e dentro da civilização; nós acompanhamos essas modificações e adaptações.

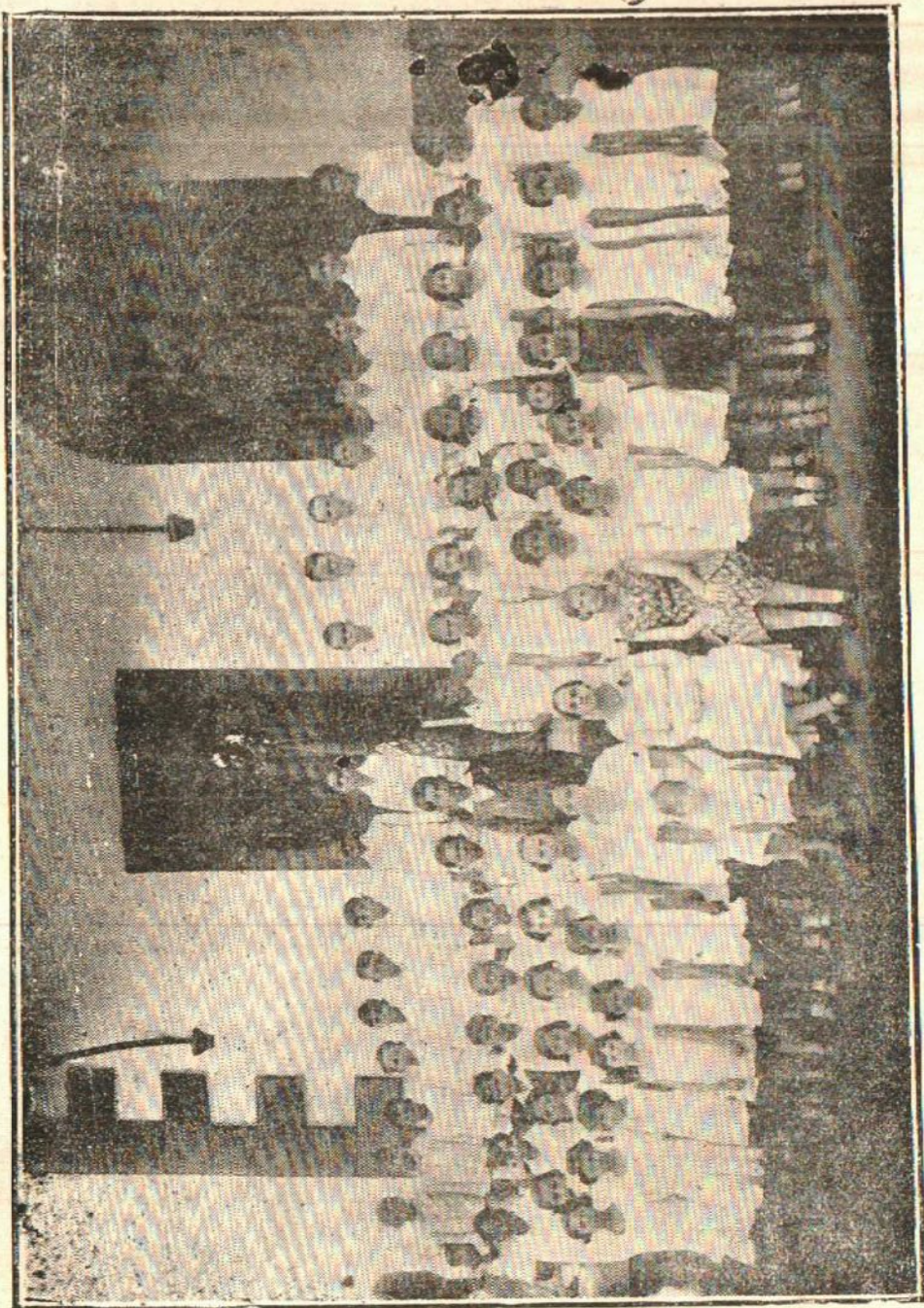
A familia é muito limitada e a humanidade páro ideal para servirem de moveis ao espirito e á actividade humana. E' na Patria que o homem se apoia e que procura horizontes mais vastos.

“Quanto mais penetra o homem no genio de sua Patria, mais concorre para a harmonia do Globo; conhece a patria no seu proprio valor e no valor relativo como uma nota do grande concerto; por ella se associa a esse concerto, por ella ama o mundo.”

—*Michelet.*

5—Amamos a Patria por essas razões physicas e moraes.

Esse amor ao torrão natal subsiste mesmo naquelles cujas



*Festa Escolar realizada em 15-11-933, nas Escolas do arraial de
Pindobassú, regidas pelas professoras Maria José de Jesus e
Maria Odília Regis Muniz*

Patrias organizadas com territorios e leis, etc., desapareceram, os polacos, os judeus, etc.

O sentimento nacional, patriotico, o patriotismo, o amor da Patria, o civismo, expressões synonymas, é por isto forte, elevado e desinteressado. Profundamente o exilado e o viajante são punidos pela recordação do berço longinquo.

Recitemos a "Canção do exilio" de Gonçalves Dias.

José de Alencar, em quatro versos coloridos, faz resaltar a emoção do recém-vindo.

Assim de longes terras peregrinos,
Se volta a doce Patria, que o perdera,
Ajoelha ante a lousa de seus paes
Nas ruinas da casa em que nascera...

No seio da Patria nos exaltamos pensando nas glorias do passado e no despertar de bonanças com que o futuro nos acena.

"A patria é o céo, o sólo, o povo, a tradição, a consciencia, o lar, o berço dos filhos e o tumulo dos antepassados: a communhão da lei, da lingua e da liberdade. Os que a servem, são os que não infamam, os que não conspiram os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emudecem os que se não acobardam, mas resistem, mas ensinam, mas se esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo." — *Ruy Barbosa*.

6 — Está incluída na educação moral a educação civica, mas convem separal-as porque a cultura moral é para todos os homens e a civica para os filhos de cada região e porque os sentimentos civicos estão em grande parte consubstanciados na Constituição, leis e actos administrativos.

Separemos para fazer sobresahir a importancia e a utilidade para o grupo brasileiro, quando menos seja.

7 — Para amar verdadeiramente a Patria, dignificando-a, precisamos conhecê-la, servir-a, defendê-la com as armas.

8 — Conhecemos a Patria pela geographia e pela historia.

A geographia desdobra a vastidão territorial em seus multiplos e variados accidentes, mostra na sdivisões politicas e administrativas os nucleos brasileiros e os recursos naturaes, os portos e vias geraes de communicação, as producções, o commercio, a

industria, etc. A historia affirma o valor do portuguez e da raça que produziu, raça que repelliu inglezes, francezes e hollandezes, fortaleceu-se sempre no trabalho e na liberdade, riscou nos desertos um enorme paiz e caminha desassombrada, unida e calma, para os mais levantados destinos.

9 — Servimos a Patria de mil modos.

Representa para os adultos prova constante de amor da Patria e observancia das virtudes individuaes e sociaes.

Para a criança educar-se inicia o civismo.

Almeja-se pela educação, superiormente, preparar a independencia e a autoncmia do individuo e o seu concurso e esforço para o bem geral. O mais possivel á commuidade dos exercicios e trabalhos escolares, por seus effeitos educativos praticos e moraes, é procurado na escola.

10 — Defendemos a Patria com as armas em punho. E' preciso que a criança attente para a acção material do homem, e com destaque explicará o mestre o que é a força publica, como garante a honra do paiz, o territorio, a segurança, o trabalho, em que consistem as excelsas virtudes militares — a resignação e a pobreza austera do soldado, sua firme obediencia á lei civil, seu voto de sacrificio voluntario ao brado e ao appello dos irmãos.

Cumpra, apontado a historia, mostrar que bellas civilizações têm succumbido, ás vezes completamente, aos golpes da violencia e da brutalidade, e que ainda hoje, se as elites responsaveis procuram pela Liga das Nações, pela condemnação formal da guerra, pela diplomacia, etc. manter o equilibrio entre os povos, só as forças armadas conseguem a paz e têm o poder de reprimir os instinctos geraes de luta e depredação.

11 — No desenvolvimento do programma escolar o civismo surge naturalmente. Falar e conhecer bem o idioma dos brasileiros, abeberar-se do genio desse idioma, onde se expande e está ardendo a alma da nossa gente, é patriotismo, mas na cultura da lingua apparece sempre occasião para provocar o patriotismo: leitura, recitação, copia, dictado, composição.

A mathematica, nos problemas as sciencias physicas e naturaes, nos conhecimentos sobre as producções mineraes, vegetaes e animaes, a geographia e a historia, a que já nos referimos, a educação physica, cuidando da saude do futuro cidadão, preparando-lhe condições para defender materialmente a terra natal, até com

exercícios, imitando os que se encontram na vida militar ou semelhantes, como o escotismo, etc. todo o programma escolar emfim concorre para a educação civica.

Conhecimento geral da organização politica, das leis civis, do regime administrativo, tanto quanto fôr possível na escola, é conveniente para o civismo.

O processo disciplinar norte-americano da escola-estado e escola-cidade vivifica extremamente e demonstra o valimento das convenções legais.

Será também conveniente dizer o que é o voto, o poder que representa, como deve ser utilizado para collocar o Governo nas mãos dos mais dignos, honrados e preparados, o imposto como é legitimo, como deve ser pago escrupulosamente.

Um titulo de eleitor, uma cedula eleitoral, um recibo de imposto, uma intimação para pagamento de multa positiva o ensino.

A formação, conservação, distribuição e consumo das riquezas vão sendo examinadas por varias faces na geographia, nas sciencias physicas e naturaes, na historia, na educação moral, mas dar-se-hão conhecimentos reaes e praticos sobre assumpto de tão grand relevancia para o individuo e para o paiz. Tal desiderato é conseguido por visitas de antemão preparadas, a que não faltarão informações estatisticas, a estabelecimentos agricolas, industriaes e commerciaes.

São occasiões de legitimas manifestações civicas e della se valerá o mestre para o ensino, as datas e as festas e commemo-rações nacionaes. Sua palavra explica e desperta o sentimento patriotico e auxiliam-no nas empresas os symbolos — a bandeira, os hymnos, as armas do Brasil.

Dirá então dos grandes principios que são apanagios dos cidadãos brasileiros — a democracia, a forma republicana federativa, a liberdade, a justiça, o serviço militar, a generosidade para com os estrangeiros, e o respeito ás leis, que elles proprios elaboram, ás autoridades, que elles mesmo elegendem.

Mostrara opportunamente o mestre que os grandes trabalhos moraes, scientificos, literarios, artisticos e praticos honram e enaltecem o paiz; reviverão os nobres vultos, os heroes da nossa terra: são capitulos destacados da historia e biographias civicas.

Servir-se-ha das projecções luminosas, imagens, quadros his-

toricos, monumentos, moedas, e, em geral empregará os mesmos recursos do ensino da geographia e da historia.

12 — Cabe o ensino civico a ambos os sexos. A mãe cidadã comprehende os deveres impostos pela Patria e os faz comprehender na familia. Sua acção a este respeito vae ás vezes muito longe e suas palavras não são perdidas e nem fica msem éco. Em quantas, occasiões não prevalecem na vida de um homem e dos homens!....

13 — O exemplo do mestre é precioso. Bom cidadão, cumprindo com sinceridade e sem discrepancia os deveres patrioticos, sua conducta patenteada claramente aos olhos das crianças, e de todos, grava-se nos espiritos infantis e ha-de ser imitada.

14 — Este ensino é dos que não admittem na escola incerteza e vacillações: quer-se forte e affirmativo.

O entusiasmo e o optimismo infundem coragem e incentivam a solidariedade.

“Compreende-se o martyr para quem a fogueira representa a porta do céu; mas que proveito poderia advir ao legionario romano e ao soldado de Napoleão de suas arremetidas pelo mundo? A morte ou ferimentos. Seu ideal collectivo era entretanto bastante forte para velar todos os soffrimentos. Sentiram-se os heróes dessas grandes epopéas era um ideal de felicidade, um paraíso presente divinamente encantador. Uma nação sem ideal desaparece rapidamente da historia.” — *Le Bon.*”

15 — Com relativa facilidade pode ser conduzido o ensino civico. Nos primeiros annos a dependencia e os affectos familiares predominam, mas em breve a rua, a praça, o movimento social envolve a criança, e, o bairro e a cidade, primeiro e a nação, em seguida, lhe apparecem concretamente e cada vez mais comprehensíveis. Tornando consciente, o sentimento patriotico, é assim simples e claro, de accordo com os instinctos profundos de conservação, reforçado com os symbolos, canticos e hymnos, dobrado pela vibração da escola inteira, da familia, das ruas, pelas manifestações enthusiasticas da imprensa, pelo proprio Governo, decretando feriados e festas geraes.

16 — Prepara-se o mestre para levar a termo o importante trabalho com animação e calor. Tenha as suas notas bem organizadas, conheça a literatura especial: J. Pinto e Silva, “Minha Patria”; Coelho Netto, “Breviario Civico”; Affonso Celso,

“Porque me ufano do meu paiz”; Sampaio Doria, “O que o cidadão deve saber”; Felisberto de Carvalho, “Instrucção moral e civica”; Soares Rodrigues, “Lições de instrucção civica”; Araujo Castro, “Manual Cicivo” e “Elementos de instrucção moral e civica”. Possua um exemplar da Constituição de 24 de Fevereiro e da Consolidação das leis politicas do Districto Federal. Recorra a escriptos literarios em prosa e verso.

Não lhe será custoso, empregando expressões e suggerindo imagens que impressionem a criança, mostrar que o Brasil é um dos grandes paizes do mundo, e, sendo o de maior extensão territorial, maior população, maior belleza, maior variedade de climas e produções, mais sciencia, mais arte, mais riqueza e mais força na America do Sul, dispõe dos melhores elementos e está na melhor situação para offerecer garantia de concórdia, de paz e de progresso entre os latinos desta porção do continente.

THOMAZ DELFINO.

Mais vale muitas vezes uma hora de ver, do que um ano de ler. — ASSIS BRASIL.

* *

A escola deve ter laboratorios e não gabinetes; aparelhos para trabalhar e não para mostrar — MERCANTE

O JARDIM DE INFANCIA

NECESSIDADE DE SUA DIFUSÃO

Tratando do Jardim de Infancia, não remontaremos á sua historia, nem tão pouco exumaremos no seu passado, a opposição, a critica e até o ridiculo de que foi vitima a escola de Frederico Froebel. Entretanto, mencionamos aqui, os nomes de Amos Comenius, Locke, Rousseau, Basedow, Pestalozzi, Girard e do fundador do Kindergarten, como uma demonstração reverente de homenagem aos grandes precusores da cultura dos sentidos, das idéas liberais, do respeito ás manifestações da natureza, na educação infantil.

Desde os primeiros dias de sua existencia, a criança vive rodeiada de fenomenos que ferem os seus olhares, e as impressões que ela recebe do mundo exterior, fazem despertar, pouco a pouco, suas forças e aptidões intellectuais e morais, que ela manifesta por ações, que são favoraveis ou desfavoraveis ao seu desenvolvimento natural.

Segundo Froebel, o homem, desde a sua infancia, deve se relacionar com a natureza, e o seu desenvolvimento deve se baseiar no desenvolvimento universal. O espirito e o corpo do homem, diz êle, se desenvolvem conforme a mesma lei, que serve de base á natureza. Para o creador do "Kindergarten", os brinquedos e os jogos têm grande importancia, como manifestação da atividade infantil. Cumpre, diz êle, desde o começo, naconfusão que a variedade das cousas apresenta á criança, lhe servir de guia, dirigir os primeiros processos instrutivos, que lhe fazem distinguir as propriedades das cousas, lhe oferecer uma progressão de impressões, por meio de objetos simples, pequenos movimentos acompanhados de canto e depois, por meio de jogos, que exercitem tanto a alma, como o corpo.

O "Kindergarten", e a "Casa dei Bambini" têm em grande

linha de conta, a psicologia dos brinquedos e dos jogos, que representam o gráo mais elevado do desenvolvimento infantil, a livre e espontanea manifestação da criança e a prova da intelligencia humana, nos primeiros gráos da vida, ou a verdadeira manifestação das aptidões do homem.

Todos os exercicios do Jardim de Infancia visam a educação completa e harmonica. Eles são higienicos para o corpo, instrutivos para a intelligencia e educativos para o coração.

Seja a escola de Fröbel, seja a de Montessori, o ensino é apropriado ás primeiras necessidades e aptidões naturais dos pequenos: aí, são respeitadas a liberdade e a espontanea actividade da criança; aí, os pequeninos, livremente transformam suas observações em trabalho, suas experiencias em criação pessoal; aí, não ha coacção; aí se cultivam as crianças, como plantas delicadas e mimosas, plantas que darão frutos, conforme sua natureza, e que nós não temos direito, nem poder de modifica-los.

Nessa primeira escola, se cultiva na criancinha, o espirito de sociabilidade, de amor á natureza; se cultivam as faculdades inventivas; se dão habitos de ordem; se combatem a timidez tão funestamente espalhada entre os pequeninos e a suposta incapacidade infantil, para executar os atos mais comuns da vida pratica, como sejam: observar, comparar, julgar, raciocinar, se vestir, se calçar, se asseiar, etc.

Aí, se desenvolve a natureza individual do menino, em um regimen de liberdade, aproveitando as suas espontaneas actividades, lhe ensinando a se servir dos seus proprios sentidos, a pensar e a agir, em uma idade que precede á entrada para a escola primaria elementar propriamente dita.

* * *

O estado a que tem chegado, no presente seculo a Pedagogia, com a contribuição da Psychologia, transformando a ciencia e a arte da educação, numa ciencia experimental, te mlevado os continuadores de Fröbel, no campo das observações e experiencias psicologicas, a firmarem o sistema fröbeliano, no conhecimento científico da criança, sob o ponto de vista fisico e psicologico. Daí, as modificações que têm dádo ao sistema de Fröbel os continua-

dores de sua obra, tais como: Emille Brand, M. Garcin, S. Brés, Ellen Key; daí, o soerguimento da "Casa dei Bambini", instituída pela Dra. Maria Montessori, na Italia e disseminada hoje, pelo universo.

Ha cerca de dois seculos passados, Comenius, o "pai da Pedagogia moderna", já dizia: "A escola materna deve exercitar ao mesmo tempo, a mãe e a lingua do menino; deve cultivar os sentidos, desenvolver sua imaginação e fortificar sua memoria".

João Jacques Rousseau repetia: "Os sentidos são os primeiros instrumentos de nossos conhecimentos: antes de se ensinar o menino a ler, é preciso lhe ensinar a vêr".

Henrique Pestalozzi, pregando a intuição, dizia: "Estou a procurar os meios mais simples e mais apropriados á natureza do menino, afim de que, do berço aos seis anos, êle possa ser desenvolvido de uma maneira harmonica, em relação com as exigencias de sua natureza e de sua idade, porquanto, o menino tem necessidade dessa atividade espontanea, que só pode torna-lo bom e feliz".

Em 1880, o Congresso Internacional do Ensino, em Bruxelas, discutia com interesse, a — primeira cultura da infancia — e, entre outras conclusões, chegava á seguinte:

"A escola de Froebel tende a tornar-se a base de toda educação humana".

Não é sem fundamento que chegamos ao seguinte epilogo:

A base da escola primaria elementar é o Jardim de Infancia, que constitue o primeiro gráo do ensino primario; na obra grandiosa da educação, é indispensavel a criação de Jardins de Infancia, para o ensino, nos seis primeiros anos que precedem á entrada para a escola primaria elementar;

acompanhando os surtos da escola progressiva instituída pela pedagogia moderna, o metodo da Dra. Montessori que é um dos sistemas de educação renovada, é o que comporta a especial organização do Jardim de Infancia, sem segui-lo á risca, porem adaptando-o, transformando-o, segundo as circunstancias do meio e a personalidade da criança;

o preparo especial das "jardineiras" é condição essencial, para o bom exito do Jardim de Infancia, pelo que, as Escolas Normais devem ter cursos exclusivos, para este fim.

Grande notabilidade suíssa, François Guex proclamou o Jar-

dim de Infancia "como uma das melhores instituições protetoras da infancia, como uma obra democratica por excellencia".

Não é senão aferrados á rotina, que estão aqueles que, nos tempos atuais, ainda têm a falsa concepção de que começar a educação da criança, é lhe ensinar os primeiros elementos da leitura e da escrita.

Aferrado á rotina, antiquado e obsoleto ainda é o habito inveterado de, somente se promover difundir o ensino primario, pela dispersão de escolas primarias elementares, como se a educação do menino, só podesse começar dos sete anos em diante, pelo ensino da leitura e da escrita.

Todos os paizes civilizados têm multiplicado o numero de instituições, para a primeira cultura infantil, sob os sistemas de Froebel ou de Montessori, notando-se porém, que o metodo Montessori rege hoje, magna parte dos Jardins de Infancia do mundo inteiro e nos é oportuno ainda, repetir aqui, o que já tivemos occasião de dizer :

—Quando a humanidade ligar aos problemas da educação, a importancia primordial e absolutamente preponderante que êles merecem e estão ainda longe de possuir, a Historia registrará com triste e dolorosa admiração, o país, que se inculcando de civilizado, houver retardado um movimento tão profundo, tão util e tão renovador ,como é a instituição do "Kindergarten" ou da "Casa dei Bambini".

ALIPIO FRANCA

Cada vês que um trabalho manual, mesmo do serviço do ensino, é imposto pelo mestre aos alunos, não se trata de escola ativa — FERRIÈRE.

A CRIANÇA E A ESCOLA

É simplesmente espantoso o numero de publicações que de vinte anos para cá se tem feito em torno da pedagogia moderna. Publicações de reação em favor de um tipo novo de escola. De um tipo de escola que reflita nas suas atividades essenciais, todos os interesses da vida social. Mas o curioso é que através de toda essa maravilha de produção, de todo um luxo milionario de teorias e de ideias filosoficas a respeito da educação moderna, ainda não chegamos a uma concepção de ensino capaz de realizar integralmente no individuo o aproveitamento de todos os seus valores.

Antigamente, como sabemos, a criança era apenas ouvidos e memoria. A psicologia moderna com a sua nova tecnica de investigação e de conhecimento, revelou-nos, porém, que a criança não é sómente ouvidos e sómente memoria. Não é sómente ouvidos para escutar as lições que lhe eram ministradas sob um criterio quasi sempre de convenção e de mentira, nem tão pouco memoria sómente para reter e conservar a baboseira dessas lições. Descobre-se na criança um sistema de vida psiquica com uma complexidade de sentimentos, de emoções e de ideias que o professor não póde passar por cima sem fazer dura violencia ao seu temperamento ou á sua natureza, sem atentar desgraçadamente contra as atitudes dominantes do seu carater. Dessa certeza de que a criança tem uma personalidade com os seus tipos bem caracterisados de expressão, e que não é um ser totalmente passivo e plastico no qual o professor possa operar como sobre uma forma de cêra, dessa certeza, digo, é que nasceu a ideia de uma base social para a escola. É que nasceu a ideia de integrar a vida da escola ás condições da vida social. Mas quando se trata de definir este processo de integração é que as novas teorias pedagogicas nos parece se esparramarem em exageros, algumas vezes de re-

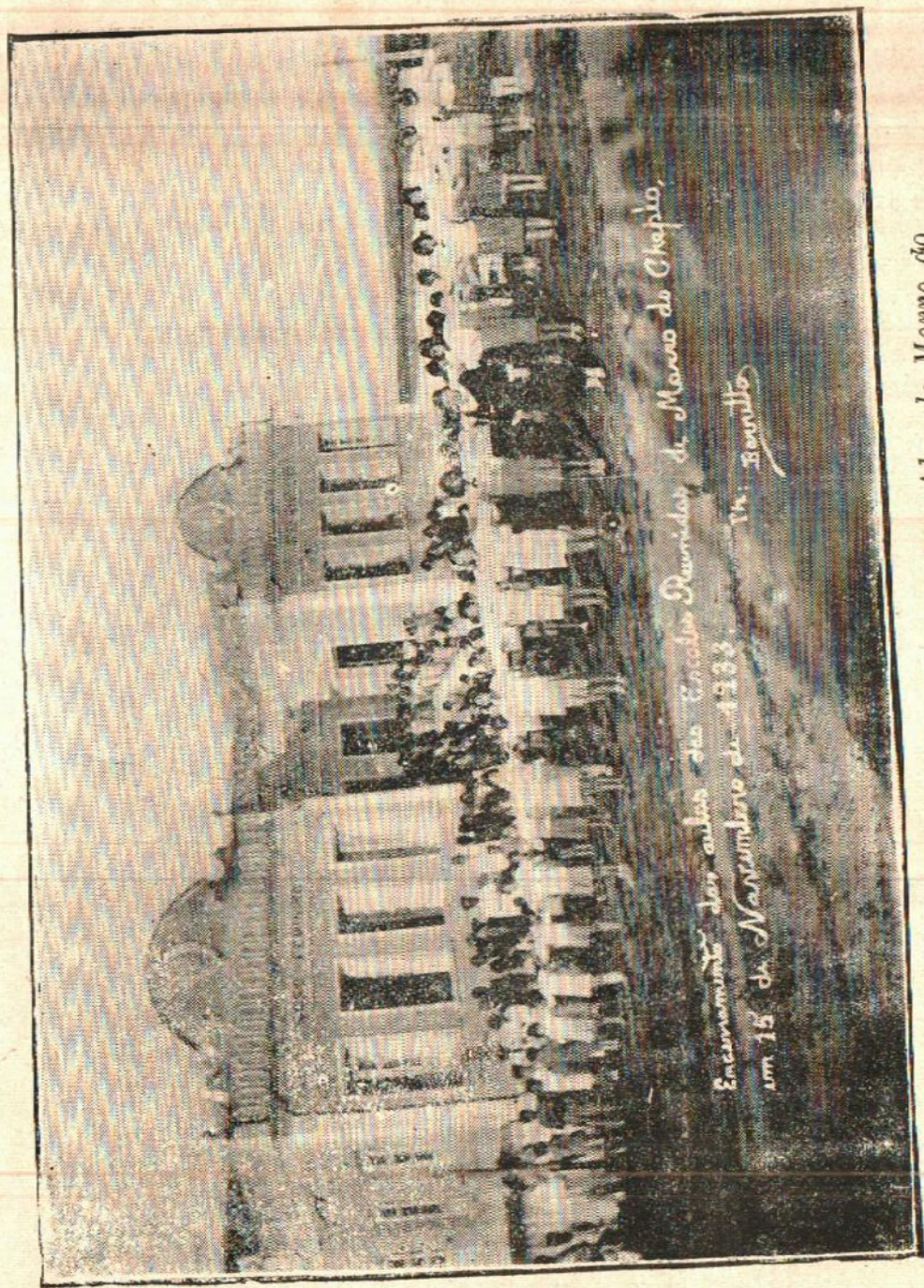
quintada ficção. Aliás diga-se, num parentesis, a evolução da escola como uma apenas usina de palavras até a escola como se pretende hoje, isto é, como uma oficina, não se fez por nenhuma ginastica de salto. Já Rousseau no seu *Emilio*, dá o grande grito de alarme contra a escola transformada unicamente em fábrica de noções, de noções que valem em relação às idéias reais, às idéias como meio direto e simples de representação das cousas, o que os cacos de louça ou de vidro, valem para as crianças em relação ao dinheiro. Na realidade esses cacos de vidro só tem circulação e valor de dinheiro nos seus brinquedos, assim essas noções que elas decoram; só tem circulação na escola. Fóra da escola, no campo concreto e ativo da vida onde elas tem depois que se mover e operar, são cacos puramente, e cacos nem sempre inofensivos. Eles podem fazer muita vez no seu espirito o efeito dos cacos de vidro quando se encravam nos pés. Impedem-nas de andar. Mas deu-se com Rousseau o que é comum com todos os reacionarios no primeiro impeto da reação. Combatem um extremo com outro extremo. Combatem o frio, não criando o calor, mas criando o incendio. Para Rousseau, por exemplo, a escola é vida, isto para significar que o fim da escola é a criança, independente de todo o fim social, e toda a influencia exterior. Uma orientação fiel, aliás, ao sentido da sua doutrina filosofica em relação ao homem: a doutrina individualista, que taz do homem a medida de todas as cousas, o homem "capitão da sua alma".

A teoria que hoje domina o movimento de renovação escolar, é a teoria justamente oposta: a teoria socialista, que Durkheim, como Dewey, Kilpatrick e tantos outros transportam para a escola com um exagero de aplicação positivamente alarmante. Entretanto, eles são, não o negamos, da mesma maneira coerente com os principios de sua filosofia social. Se o homem, como eles dizem, tomado a parte da sociedade, não tem nenhuma existencia real, é um absurdo de criação, nada mais logico que a concepção da escola tal como eles a entendem, isto é, a escola como uma representação constante do meio social.

A minha duvida porém é que esta logica de interpretação não coincida rigorosamente com as necessidades reais da vida escolar. Que a escola não deve ser um farto viveiro de noções, ou

que a vida não é a escola como quer Rousseau, isto não se discute. Mas não devendo ser a escola um mundo aparte do mundo da ação em que vivemos, segue-se daí que devemos transportar o meio social para a escola? É a questão. A escola ativa, entretanto, nos pontos extremos em que se interpreta os mais ardentes campeões do ensino moderno, vai ao cumulo de ser uma reprodução em ponto menor do mundo de cá de fóra. A começar pelo método de disciplina. Porque hoje quer-se combater a antiga rigidez de disciplina escolar, com a ausência a bem dizer de toda disciplina. É verdade que se poderá objetar que a disciplina está no método de trabalho. Desde que a criança tenha um interesse na aula que coincida com o interesse da vida social, a disciplina faz-se naturalmente, pela necessidade de coordenação do seu esforço. Mas aí precisamente é que toca o ponto. O que move a ação do homem na vida profissional, é o mesmo estimulante de interesse na vida escolar? Presumo que não. Dewey, entretanto, diz no seu livro "Pedagogia e Filosofia", explicando a falta de ordem nas classes: "Pouca ordem existe onde as cousas se fazem em vista de um fim construtivo; em qualquer atelier em atividade ha certa desordem, não ha silencio; as pessoas não se conservam em determinadas posturas físicas; não estão com os braços cruzados, não seguram o seu livro desta ou daquela forma. Estão fazendo uma diversidade de cousas, e logo vem o bulicio, a confusão próprias da atividade".

Concordo que na oficina seja assim, e que haja ordem na oficina, não concordo é que a escola deva se representar pelo modelo de uma oficina. É que transformada em uma oficina a escola, nela se consiga a ordem das oficinas que não são escolas. Pelo seguinte: os motivos de ação construtiva no individuo adulto não podem nunca ser os mesmos que dominam a vida da infancia. Ha um interesse por traz do trabalho, da atividade pratica exercidos fóra da escola, que estimula e reforça os poderes de aptidão do homem, é o interesse economico. Mas o brocardo de que nem só de pão vive o homem aplica-se ainda melhor á criança do que ao adulto. É ha muita lição de cousas que a criança aprende melhor diretamente pelo raciocinio do que pelas mãos; compreendendo do que executando. A execução como sistema, na escola, acaba no mais feliz dos casos, fazendo da criança uma maquinazinha de precisão, e por fixa-la antes para o que tem as cousas



Encerramento das aulas das Escolas Reunidas de Morro do Chapéu,
em 15 de Novembro de 1933. M. B. B. B.

Encerramento das aulas das Escolas Reunidas de Morro do Chapéu, em 15 de Novembro de 1933

de mais material e físico, do que para o que elas têm de mais interior e vivo.

Basta, para prova, que desdobremos o raciocínio de Dewey. Ele diz, como vimos, que em toda a atividade com o fim construtivo a confusão e o bulício explicam-se como uma repercussão viva dessa atividade. Ora, isto é mesmo como se excluísse do homem outras atividades igualmente construtivas e que repelem o alvoroço e a desordem como seus elementos de dissipação e de morte. Quem poderá, pergunta-se, negar que a atividade religiosa é de um fim mais nobremente construtivo do que qualquer outra? Ele visa a perfeição moral do indivíduo. Mas ninguém tem por isto o direito de estar dentro da igreja, ou na sua clausura, como num pátio de mercado. As atividades que procuram um melhoramento de cultura ou de maneiras no indivíduo, ninguém vai dizer, é claro, que esta atividade não tem um fim construtivo, mas nunca a vimos entretanto praticadas dentro da agitação e do barulho.

E a boa verdade é que a criança montessoriana, como a pintam alguns pedagogos, é uma criança ideal. A criança com liberdade de escolha, guiando-se naturalmente e angelicamente pelos seus interesses de ocasião, não existe como um ser racional e lógico, sinão nos livros. Aliás, não ha método nenhum pre-estabelecido de ensino que convenha rigorosamente a todas as necessidades da vida escolar. O grande método é o bom professor. E seria, digamos em conclusão tão insensato a generalização do trabalho nas escolas, a modo de ação profissional que se pratica entre a gente grande, como insensato foi o sistema antigo que fazia do aluno um depósito de noções, nas quais não se projetava nunca o menor traço da sua personalidade. Nem tão pouco deve se confundir o ensino objetivo, visando a compreensão mais rápida e mais lucida das cousas, com o ensino material visando a execução mais perfeita dessas mesmas cousas. Do contrario seria negar toda a vida espiritual do homem que a psicologia moderna ainda não demonstrou, pelo menos até agora, que derivasse direta e fundamentalmente do todo social. Porque neste caso, se é materialista a sociedade, que reforce a escola este materialismo no individuo. Mas se admitirmos, ao contrario, que a sociedade é passivel de erro, tivemos que admitir que a escola é passivel de outra titude.

OLIVIO MONTENEGRO

DOIS ASPETOS DA REORGANIZAÇÃO DO ENSINO
NO DISTRITO FEDERAL: — A “ESCOLA DE
PROFESSORES” E A “ESCOLA EXPE-
RIMENTAL BARBARA OTTONI”

Na renovação de um sistema educacional merece especial atenção, como um dos seus fatores básicos — o preparo do professor primário.

A nova concepção do processo educativo, as novas finalidades da escola exigem que o candidato ao magisterio prepare-se de modo real e eficiente para o desempenho de sua missão — a grande missão de levar a geração de amanhã a viver com mais inteligência, a ser melhor e mais feliz.

A cultura geral que se adquire na maioria das Escolas Normais, a par das noções de Psicologia e Pedagogia, não constitui a preparação intelectual, moral e profissional de que necessita o futuro mestre.

A reforma desses estabelecimentos de ensino, é, conseqüentemente, um dos problemas mais importantes e que exige solução mais urgente das atuais administrações de instrução pública.

A Alemanha — berço do ensino normal — e os Estados Unidos são os dois países em que essa reforma vem se fazendo mais intensamente.

No Brasil acha-se iniciada com a criação dos Institutos de Educação no Distrito Federal e em São Paulo, e a Escola de Aperfeiçoamento, em Belo Horizonte.

No Instituto de Educação do Rio (D. F.), inicia-se, de fato, a formação de um novo mestre que se dirige a “novos fins” por “novos caminhos”.

O candidato á Escola de Professores, já portador de um diploma de curso secundario, é submetido a uma rigorosa prova de testes em que deve demonstrar capacidade intelectual, qualidades morais e aptidões indispensaveis á profissão a que se destina.

Possuidor de apreciável cultura geral, é, agora, o seu principal objetivo a formação de sua personalidade de educador, a aquisição da técnica profissional para o mais eficiente desempenho das funções que lhe serão atribuídas na escola renovada.

A cultura científica-profissional os alunos da Escola de Professores obtém por métodos muito diversos dos que são usados nas Escolas Normais comuns.

Preside a todos os trabalhos o verdadeiro método de investigação, de pesquisa científica, de colaboração entre colegas e entre mestres e alunos que se empenham em busca de soluções inteligentes e ajustadas aos problemas da nossa educação.

Ha essa atividade do pensamento, que se não satisfaz com simples afirmações e que procura o porque das mesmas, os fundamentos em que se baseiam para reuni-las ao patrimonio mental ou afasta-las até novas possibilidades de exame e de verificação.

Esses futuros mestres, conscientes dos seus objetivos, escolhem em cada curso os problemas que em nosso meio exigem soluções mais imediatas.

Para a discussão, apresentação de sugestões e planos de estudo dos mesmos, reúnem-se os alunos em grupos de 6 a 8 sob a direção de uma colega, sempre uma das orientadoras eleitas pe a classe.

Aproveitada a contribuição pessoal de cada aluna e as informações obtidas em leituras várias sobre o assunto, organiza-se a ficha geral que compreende tres partes: introdução, desenvolvimento e conclusões.

Estas são, ás vezes, interessantíssimas, originais, produto de séria reflexão.

Em aula são as fichas submetidas á discussão de toda a turma sob a assistencia do professor.

Ha nessa ocasião o choque de opiniões diversas, um pouco de exaltação, tão comum ás nossas mais simples discussões e que lhe dão vida e entusiasmo.

Pouco a pouco esclarecem-se idéas, ajustam-se conceitos, justificam-se pontos de vista, elaboram-se raciocínios que reforçam as conclusões apresentadas.

E, finalmente, aquelas inteligencias desejosas de acertar, de resolver escolhem o que lhes parece melhor, mais util e mais de-

acôrdo com as realidades do nosso meio e que pode servir de norma, de orientação á sua atividade profissional.

O professor, como se fôra um colega mais velho, guia, orienta e fornece, quando se torna necessario, o contingente da sua experiencia e ao seu cabedal científico.

—Como excelente meio auxiliar para esse trabalho de verdadeira iniciativa e auto-preparo, lá se encontra no Instituto de Educação a sua rica bibliotéca visitadissima, diariamente, pelos alunos.

Pelo que aí vai sucintamente exposto, pode-se fazer uma ligeira idéa do que se vae tentando no Distrito Federal em relação á formação de mestres com uma nova mentalidade com uma attitude de experimentação e de ensaio em relação a idéas, teorias e fatos.

Habituando-se a pensar, a refletir, a estudar a sentir a sua responsabilidade atual e futura, não serão presas da rotina da ignorancia, aos preconceitos, verdadeiros entraves á marcha do progresso educacional.

Capazes de compreender a infancia e o momento excepcional que atravessamos, com preparo tecnico e muito de dedicacão e de idealismo serão os realizadores os pioneiros da grande obra de renovação escolar no Brasil.

Foram os seguintes os cursos do 1.º ano da Escola de Professores o unico que funcionou em 933:

Introdução ao ensino (professor: Anisio Teixeira);
Biologia Educacional (professor: J. P. Fontenelle);
Psicologia educacional (professor: Lourenço Filho);
Sociologia educacional (professor: Delgado de Carvalho);
Historia da educação (professores: Afranio Peixoto e Gustavo Lessa);

Literatura Infantil e Metodologia do Calculo (professora: D. Maria dos Reis Campos);

Musica e Canto orfeonico (professora: D. Ceição de Barros Barreto);
Desenho e Artes Aplicadas (professor: Nereu Sampaio);
Educação fisica, recreação e jogos (professora: Miss. Lois Williams).

No 2.º ano prevalecerão sobre os cursos de educação, os de materias de ensino ministrados sob o ponto de vista das necessidades do professor primario.

“ESCOLA BARBARA OTONI”

Escola experimental em que se adota o metodo de projetos.

Escola experimental em que se adota o metodo de projetos, filiada, portanto, ao tipo das Escolas Progressivas dos Estados Unidos.

Essa experiencia que se vae realizando, com relativo exito no ensino primario do Distrito Federal, é uma tentativa que pode servir de estímulo aos que se acham empenhados em adaptar ao nesse meio, o metodo do grande educador americano J. Dewey.

A escola funciona em predio proprio, doado á Prefeitura pela Familia Otoni. Está sob a direção inteligente da professora Helena Guimarães e servida por um conjunto de professoras das mais distintas e competentes.

Consta de 5 classes de 30 alunos cada uma.

Ac chegar o visitante ás salas de aula é recebido pelas crianças, que cativam pela espontaneidade e gentileza do trato.

A pedido da Diretora explicam ao recém-chegado com muita naturalidade e animação — o ultimo projeto da turma:

— como surgiu;

— o plano estabelecido para a sua realização,

— as primeiras dificuldades previstas ou aparecidas;

— as sugestões apresentadas para resolve-las;

- o apelo às experiências passadas;
- as consultas a livros, folhetos, revistas jornais etc.
- as consultas a livros, folhetos, revistas, jornais etc. e às pessoas entendidas sobre a questão: mestras, amigos, pessoas da família;

em seguida o início da realização, a sua marcha, os resultados obtidos intelectualmente, moralmente e mesmo materialmente; e, finalmente, a verificação pelo êxito, de que agiram com acerto, inteligentemente.

Essa última fase do método é uma das mais importantes, porque é esse julgamento que se integra na vida para a sua reconstrução.

Concretizavam as afirmações daquelas crianças cheias de um sadio contentamento pela obra ideada, planejada realizada exclusivamente por elas, e seguinte:

- a) um relatório (apresentado à Diretora) resumo do que haviam feito e aprendido no decorrer do projeto e que forneceu elementos para a organização dos testes a que foram submetidas;
- b) os diários de classe;
- c) um elegante e alegre refeitório, com mobília laqueada, toalhas bordadas, flores, barras, quadros etc.;
- d) uma horta cuja conservação e ampliação dependia dos lucros com a vendagem das hortaliças.

Melhor, entretanto, do que essas provas objetivas da eficiência do método, diziam as atitudes daquelas crianças francas, alegres, denotando confiança em si mesmas, em suas possibilidades relativas, concias da responsabilidade de seus atos, capazes de se julgarem e entre-julgarem.

Sentia-se que elas viveram o seu trabalho, que a atividade escolar enche-lhes os dias na escola e em casa, absorve-lhes os pensamentos, orienta-lhes a conduta, desenvolve-lhes a inteligência e a personalidade social.

São esses alguns dos resultados do esplêndido método americano, cuja adaptação ao nosso meio está sendo feita, com critério e segurança na "Escola Barbara Ottoni".

C. S. TEIXEIRA

DE EDUCAÇÃO

Passou para a Escola Nova a época durante a qual foi considerada uma utopia. E' uma necessidade que ha de ser satisfeita, queiram ou não aqueles, que por ignorancia ou orgulho, acham que se deve sacrificar a creança á rotina para que não seja perturbada a ordem de coisas estabelecida.

Porque os destinos do mundo não de ser cumpridos: o progresso está, como o movimento sujeito á lei da inercia.

De pólo a pólo, nota-se uma transformação brusca de instituições, de costumes, de creanças. O homem liberta-se dos preconceitos, repele os dogmas e no seu afan de destruir e reconstruir, vai-se habituando a pensar.

E no meio desta transformação, somente o ensino continuaria imutavel e sómente as creanças continuariam a sofrer a sua monotonia, sob o poder tiranico da Escola que não compreende a sua missão, num desperdicio lamentavel de todas as suas energias infantis.

Não! que a vida é para todos. Incluidas na lista dos seres que têm direito á felicidade, elas poderão viver a sua vida, fóra como dentro na escola, livres, ruidosas, alegres, desta alegria que lhes vai tão bem, sem este medo e esta aviltante submissão em que viveram até hoje.

Não poderia o homem moderno, o que tem de viver um futuro ignorado, ser formado no ambiente da escola tradicional, que crimosamente desconhece, ou finge desconhecer, as mudanças por que vai passando a civilização.

E surgir a Escola Nova ou Progressiva, que é a escola da época; segue as tendências do seu tempoá creada para servir á sociedade, não aniquila o individuo para que se ajuste a fins traçados aprioristicamente pela autoridade, mas o quer capaz de dirigir-se, de resolver os seus problemas, avisado contra o que possa vir, apto para receber as manifestações de um progresso cada vez

maior. Quer as inteligencias francas e abertas ás modificações que traz á Ciencia, uma maior civilização, não os espiritos retrógrados, pessimistas e máus que descreem do futuro da Humanidade, Humanidade de cujo aperfeiçoamento se não pôde duvidar, porque em cada peito se sente este anseio, este desejo de Bem, de Solidariedade e de Paz que sómente poderão trazer Felicidade.

Conseguirá a Escola formar o homem que a civilização está a exigir?

Que o digam todos estes iluminados, filosofos ou professores, que, nos Estados Unidos fazem da obra da educação a grande obra de sua vida; que o digam os que na Europa, desprezando o mesquinho bairrismo das grandes nações, as lutas da classe, a inveja e o odio entre os povos, entregam-se nos gabinetes e nas escolas ao estudo da creança, á educação da creança, que representa para o futuro, a garantia unica de Paz; que o digam, ainda na Europa, os russos, que assoberbados por todos os problemas que sóem surgir na vida dos povos quando saídos, tintos de sangue do seio das revoluções, não põem de parte o problema da creança, antes o encaram com aquele que, resolvido, dará solução aos outros e será a esperança maior do Regimen; que o digam os poucos que no Brasil vivem a ensaiar, a promover os meios mais proprios para conseguir o aperfeiçoamento do ensino, num país em que a educação não mereceu nunca, a atenção dos governantes.

Nos Estados de São Paulo e Minas já as escolas renovadas não constituem novidade.

No Distrito Federal, alguns professores avançados, vêem coroado de éxito o seu esforço. E os frutos que andam a colher são para contentar o mais exigente semeador.

E já, se entrardes numa escola renovada, não mais vereis pobres creanças inoveis e mudas, presas á carteira como condenados aos grilhões.

Colegas, confiantes, elas se movem no ambiente escolar, livremente, na certeza de que a professora inteligente, não lhes nega o direito de portarem-se como *creanças*.

Receber-nos-ão á entrada, mostrar-nos-ão os seus trabalhos, pôr-nos-ão a par das dificuldades que surgiram durante a realização dos mesmo, pedir-nos-ão sugestões, o nosso nome para o

Jornal ou a revista da Escola, convidar-nos-ão gentilmente para uma festa, organizada por elas e para elas, não festa de creanças para adultos, como ha muitas; entregar-se-ão em nossa presença aos seus afazeres, sem constrangimento e com prazer, prazer que é uma consequencia do interesse que as anima e um fator preponderante do exito.

Se fôrdes á Biblioteca, indispensavel nas escolas modernas, lá notareis a disciplina das creanças, não esta disciplina imposta que por isto mesmo é aparente, mas aquela disciplina, consequencia daquele comportamento natural que se convencionou chamar — *falta de disciplina*.

E como portar-se mal uma creança, numa sala ampla, arejada, ornamentada e mobiliada para ela, provida de pequenas estantes cheias de livros, escritos alguns especialmente para ela por escritores que desprezando a admiração dos homens, vão com suas "historias", levar a alegria e o deslumbramento a su'alma infantil?

A Escola que até aqui, viera fazendo a propaganda contra o livro, tornando-o odiado pela creança que nele não via senão uma razão de tristezas, uma nuvem negra a toldar o céu de sua felicidade, conceito que a acompanhava por toda a vida, começa agora a fazer a propaganda pró-livro, instituindo a Bibliotéca Escolar, que é para a creança um lugar muito querido, onde seu espirito se cultiva, se eleva e se recreia.

Na Bibliotéca Escolar, nasce na creança o amôr aos livros que se desenvolvendo com a idade, vae ser um fator predominante do aperfeiçoamento individual, não só do ponto de vista do enriquecimento da linguagem como da formação do caráter.

Passando ao ginasio, só um conceito erroneo da dignidade adulta, far-vos-á não tomar parte nos jogos da petizada, completamente feliz, absolutamente feliz, entregue aos seus brinquedos mais gratos, conquistando, sem o saber, a sanidade do corpo e a fortaleza do espirito.

Nada se series fastidiosas de ginastica, que não têm a virtude de agradar as creanças desta idade e que só servem para exhibições.

Nisto, como em tudo o mais, é preciso consultar o intere

e as necessidades da creança e não a vaidade do mestre diante da ignorancia de certas visitas.

Os mais belos tipos humanos, fortes e sãos, se não tizeram pelo regimen do —1!—2!—3!—4! mas mediante exercicios culturaes, sobre os quais se funda o método de Hébert.

Depois de passardes pelo *auditorium*, pelo museu, pelo refeitório, pela cosinha, depois de assistirdes a uma sessão do Clube Literario, ireis á horta e ao jardim, que as creanças andam a cultivar desveladamente.

Saireis de lá, com um desejo imenso de voltar e uma grande esperança no futuro do Brasil.

16—1—934.

LYCIA DE CARVALHO LEMOS

É' preciso agir. A ação no princípio. A ação no meio. A ação no fim. — CLEMANCEAU.

* *

Toda lição deve ser uma resposta — CLAFAREDE.

UMA FESTA INFANTIL NO

CAMPO DO FLUMINENSE

No programa da semana da criança, a Associação Brasileira de Educação colocou, no segundo dia, a vespéral de luz, de jogos, de sons, de vida...

Depois da solenidade do dia anterior, no qual, iniciando a mesma semana, mentalidades que orgúlam o país trataram com eficiencia e zêlo dos problemas mais palpitantes da hora atual da educação ao pôvo brasileiro, como a "Direção da sociedade pela educação" estudado pelo Dr. Anisio Teixeira e ouvindo sôar ainda dolorosamente nos ouvidos, as cifras com que o Dr. Teixeira de Freitas atesetou a debilidade de nossa educação, a criminosa indiferença do brasileiro pelo futúro de sua terra, foi ótimo incentivo á esperança amortecida, a tarde maravilhosa de movimento e ritmo, onde a energia infantil cantava a divira euforia dos que ainda são duros, dos que podem, sem preocupações absorventes, rir e brincar.

No Campo do Fluminense, desenrolou-se aos olhos de uma assistencia bastante numerosa, uma serie de jogos infantis, executados por crianças do I e II anos das escolas primarias, pequeninas e veludasas petalas da divina flôr humana, num orgúlho bemdito de saber controlar relativamente os mais vivos desejos, de sentir-se vivendo em ambiente adequado a sua inconciente felicidade...

Formando enormes circulos, as crianças movimentavam-se cantando RODAS conhecidas por toda petizada. Em algumas delas, ficava uma criança no centro fazendo gestos graciosos sendo imediatamente imitada pelos colegas.

A mais interessante foi a intitulado *Carnivalho* — as crianças com as professoras (que tomaram parte em todos os jogos) começavam por erguer um braço, depois o outro, ajoelhavam,

colocavam sucessivamente as mãos no gramado do campo, e por fim, tocavam com a cabeça no sólo. Tudo isto ritmado. Tudo isto acompanhado de canto.

Depois, vieram os jogos da 3.^a e 4.^a series e dansas da 5.^a. E assim passaram fazendo vibrar o entusiasmo dos assistentes, nas corridas e nas rodas, na dansa das pastoras de Velasco e na dansa da Primavera. Todas as escolas do Distrito Federal concorreram para abrilhantar a festa com a presença gárrula aí seus alunos e a bôa-vontade dos professores.

Ali, recebendo no calôr benefico e na luz do sól o estimulante para o despertar de novas energias, sentindo o afago dos olhos que acompanhavam as suas graciosas evoluções, o pequenino brasileiro educava o espirito pela diversão sadia, tonificava o coração pela alegria feliz de sua inocencia, fortificava o corpo pelo desenvolvimento dos músculos e controle dos nervos.

Que profunda influencia para a formação racial, a destes jogos!

Para as crianças ricas é o melhor meio de irmana-las com as pobres; para estas, além da vantagem do nivelamento progressivo das classes, é ótima oportunidade para rouba-las á sala nem sempre higienica da escola, e ao lar menos higienico, por vêses bem miseravel e bem comum em todo Brasil.

ZILDA SANTOS

